

Noelia Hernández Gutiérrez, Javier Larrazabal Galarza
Rodrigo Portero Hernández. (Coordinadores)



Arqueología en el Valle del Duero

Del Paleolítico a la Edad Media



INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS
EN EL VALLE DEL DUERO:
DEL PALEOLÍTICO A LA EDAD MEDIA

6

glyphos
Publicaciones

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA IDADE DO BRONZE NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Alexandra Vieira
CITCEM; EsACT-IPB
alexandra.vieira@gmail.com

RESUMO

Pretende-se apresentar o estado da arte da Idade do Bronze na bacia do Douro (Portugal), com base num conjunto de sítios que caracterizam este período cronológico-cultural.

Ao conjugarmos diferentes realidades, em rede, tais como povoados, estruturas funerárias, achados metálicos e estelas, consideramos ser possível traçar um panorama geral sobre a Idade do Bronze e enunciar algumas questões sobre o tema.

Palavras-Chave: Vale do Douro, Idade do Bronze, paisagem, diversidade de sítios arqueológicos.

ABSTRACT

We intend to present the state of the knowledge of the Bronze Age in the Douro basin (Portugal), based on a set of sites that characterize this chronological-cultural period.

By combining different realities, networked, such as settlements, funeral structures, metallic objects and stelae, we consider possible to draw an overview of the Bronze Age and to present some questions on the subject.

Keywords: Douro Valley, Bronze Age, landscape, diversity of archaeological sites.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o culminar de um projeto de investigação que assenta na análise dos vestígios pré-históricos, entre o VI e o primeiro quartel do I milénio a.C.

Um dos principais objetivos deste trabalho consistiu na compilação e sistematização de um conjunto de dados que permitiram conhecer os vestígios pré-históricos da Bacia Hidrográfica do Douro. Este trabalho assentou na estruturação de uma base de dados construída para este fim.

A área do projeto integra-se naquilo que se designa por Bacia Hidrográfica do Douro, em Portugal e abarca uma área geográfica da qual fazem parte 68 concelhos, integrados em diferentes regiões do Norte de Portugal.

No processo de estruturação deste trabalho, deparámo-nos com algumas questões relacionadas com a grande variabilidade e diversidade de “sítios arqueológicos” bem como a recorrente utilização de terminologias ambíguas, o que tornou necessária a uniformização de nomenclaturas e explicitação das mesmas. Este processo culminou com a apresentação de uma nova proposta de Tipos de Sítios Arqueológicos para a Bacia Hidrográfica do Douro.

É na sequência deste processo de investigação que se estruturou este texto sobre os vestígios pré-históricos da Idade do Bronze detetados e escavados na área da Bacia Hidrográfica do Douro.

Vamos partir da análise de vestígios que se enquadram temporalmente en-

tre o terceiro quartel do III milénio e o primeiro quartel do I milénio a.C.: período de tempo conhecido genericamente como Idade do Bronze.

Os temas objeto de análise são os seguintes: o povoamento; os recintos murados do III/II milénio a.C.; as práticas sepulcrais; a metalurgia, depósitos e achados metálicos; as estelas e estátuas-menires.

POVOAMENTO

Os sítios que possuem ocupações integráveis na Idade do Bronze distribuem-se pelos diferentes momentos deste vasto período da seguinte forma:

Tabela 1.

Conhecem-se povoados construídos durante o III milénio, mas cuja ocupação se prolonga durante o Bronze Inicial (Vinha da Soutilha, Pastoria, Castelo de Aguiar e Castelo de Ansiães). Os povoados de altura surgem a partir do Bronze Médio, mas o período que regista o maior número de povoados é sem dúvida o Bronze Final, como podemos ver na tabela 1. São poucos os sítios onde se conhece a construção de muralhas durante este período, mas o número de povoados do Bronze Final é bastante expressivo. Muitos deles antecedem ocupações da Idade do Ferro. Algumas muralhas da Idade do Ferro parecem arrancar no Bronze Final, mas são casos raros: Fraga dos Corvos e S. Juzenda.

Os povoados abertos com fossas de finais do III, II e 1.º quartel do I milénio a.C. estão bem documentados

Cronologia	Povoados de altura	Povoados abertos
Bronze Inicial	Vinha da Soutilha (Chaves); Pastoria (Chaves), Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar); Castelo de Ansiães (Carrazeda de Ansiães);	Areias Altas (Porto), Fumo (Vila Nova de Foz Côa)
Bronze Inicial e Médio		Bouça do Frade (Baião); Cimalha (Felgueiras); Monte Calvo (Baião)
Bronze Médio		Quinta de S. Lourenço (Bragança)?
Bronze Médio e Final	Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)	Paço (?) (Gondomar);
Bronze Final	Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar); Baldoeiro (Torre de Moncorvo); Senhora do Castelo de Adeganha (Torre de Moncorvo); S. Juzenda (Mirandela), Alto da Caldeira (Baião); Castelo de Matos (Baião); Alto de Santa Ana (Chaves); Vila Velha (Vila Real); Rua D. Hugo (Porto); Senhor dos Afitos (Arouca); Canedotes (Vila Nova de Paiva); Castelos Velhos (Guarda); Castelo dos Mouros (Pinhel); Serra Gorda (Sabugal); Castelejo (Sabugal); Sabugal (Sabugal), Sabugal Velho (Sabugal)	Lavra II (Marco de Canaveses); Eiras (Vila Nova de Foz Côa); Fontela de Figueirido (?) (Castelo de Paiva)

Tabela 1. Povoados abertos e de altura da Idade do Bronze na Bacia do Douro.

na zona do Minho e do Douro Litoral. Em Trás-os-Montes e Alto Douro, bem como na Beira Alta começam a aparecer sítios com fossas, demonstrando que esta realidade é extensível a várias áreas da Bacia Hidrográfica do Douro, durante a Idade do Bronze.

Estes povoados, que se integram em vários momentos da Idade do Bronze, evidenciam o seguinte: a) a existência de estruturas do tipo fossa com funcionalidades distintas, que parece ser uma presença constante; b) a estruturação interna dos povoados, onde parece haver uma diferenciação funcional do espaço, que pode resultar de algum tipo de planificação prévia dos sítios. Essa realidade é bastante evidente nas Areias

Altas, na Cimalha e Monte Calvo, assim como é evidente na relação entre a Bouça do Frade e a necrópole do Tapado da Caldeira.

Em suma, nos finais do III milénio notam-se algumas alterações ao nível dos materiais e das estruturas. Surgem sítios com fossas em maior número e dá-se o aparecimento de cerâmicas campaniformes, a par da alteração de formas e organizações decorativas. Alguns sítios denotam uma maior quantidade de fauna associada a estas ocupações. O segundo quartel vê surgir um maior número de sítios com fossas ou povoados de altura, cuja ocupação se prolonga até ao primeiro quartel do I milénio a.C.

RECINTOS MURADOS DO III/II MILÉNIO A.C.

Os recintos do III milénio a. C. mantêm-se ativos durante o Bronze Inicial e Médio, como é o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento (V.N. de Foz Côa), embora não se saiba muito bem de que forma essa continuidade se plasma na sua arquitetura, até meados do II milénio a.C. O Crasto de Palheiros (Murça) possui uma ocupação do Bronze Inicial, um aparente hiato, e é novamente ocupado durante o Bronze Final.

Há autores que consideram que este fenómeno reaparece no Bronze final: Castelo de Matos, Baião (segundo a análise de Ana M.S. Bettencourt) e Cidade, Arouca (António M.S.P. Silva).

PRÁTICAS SEPULCRAIS

No que concerne as práticas sepulcrais podemos distinguir três grandes tipos (Bettencourt, 2009; 2010):

1. Arquiteturas funerárias construídas em pedra

1.1. Reutilizações de monumentos megalíticos

Em relação à reutilização de sepulcros megalíticos, este fenómeno ocorre entre a segunda metade do III milénio e o primeiro quartel do I milénio a.C. em monumentos sob *tumulus*, nomeada-

mente nos dólmenes de corredor. A sua reutilização é visível nos materiais que aparecem nesses contextos arqueológicos, nomeadamente nos novos tipos de cerâmicas, nas organizações decorativas, na presença de novas formas e nos achados metálicos. Algumas datas de carbono 14 confirmam a reutilização destes espaços.

1.2. Construção de novos sepulcros, sem características monumentais

Constroem-se igualmente *tumulus* mais discretos, sem a monumentalidade das estruturas dolménicas da primeira metade do IV milénio a.C. No seu interior constroem-se cistas, megalíticas ou mais pequenas e existem uma série de soluções diversas e difíceis de tipificar.

1.3. Construção de cistas [sem *tumulus*]

As cistas simples são outro tipo de sepulturas construídas neste período. Podem ser retangulares ou trapezoidais, forradas a xisto ou granito, e cobertas com lajes ou pedra (Bettencourt, 2010).

Foram identificadas três cistas sem *tumulus* e existem referências a outras três cistas:

CNS	Designação	Freguesia	Concelho	Cronologia
	Terraço das Laranjeiras	Torre de Moncorvo	Torre de Moncorvo	Bronze Inicial
17286	Lagares	Vale Benfeito	Macedo de Cavaleiros	Bronze Inicial?
18082	Cista da Senhora da Lurdes	Nagozelo do douro	São João da Pesqueira	Bronze Final
16815	Travessa da Lameira de Lobos	Cujó	Castro Daire	Bronze Final
13248	Alto do Cabeço 2	Trindade	Vila Flor	?
17836	Carvalhas Alvas 2	Soutelo de aguiar	Vila Pouca de Aguiar	?

2. Fossas abertas no saibro durante II e I milénio a.C.

No II milénio a.C. dá-se a construção de fossas de diversas tipologias, algumas delas na imediação de povoados coetâneos. Estarão associadas às práticas de inumação ou incineração. As fossas podem dividir-se em dois tipos:

As fossas ovais, circulares, semicirculares		As sepulturas “planas”	
Terraço da Foz do Medal	Mogadouro	Tapado da Caldeira	Baião
Terraço das Laranjeiras	Torre de Moncorvo	Cimalha	Felgueiras
Fontela de Figueirido	Castelo de Paiva	Necrópole do Alto da Vela	Vila Nova de Gaia
		Quinta da Coca	Paredes

3. ENTERRAMENTOS EM GRUTA

Com base nos trabalhos de Susana Soares Lopes (Jorge, 1986), Maria de Jesus Sanches (1992: 48-49), Ana M.S. Bettencourt (2011: 127) e Francisco Sande Lemos (1999) considera-se que algumas grutas e abrigos de Trás-os-Montes terão sido ocupados, como lugares de enterramento, desde o terceiro quartel do III milénio a.C. até ao primeiro quartel do I milénio a.C.

“As grutas e abrigos também foram ocupados como lugares de enterramento e de depósitos durante a Idade do Bronze do Noroeste Peninsular, sendo mais comuns na zona oriental, onde abundam formações cársicas, principalmente nas Astúrias e em Trás-os-Montes” (Bettencourt, 2011: 127).

A falta de datações absolutas para estes sítios arqueológicos, dificulta uma correta inserção cronológica destes locais. É a partir da análise do material cerâmico, lítico e metálico encontrado nestas grutas ou em abrigos, em associação ou não, com ossos humanos, que se tem avançado para a sua integração cronológica na Idade do Bronze para os sítios da Lorga de Dine (Vinhais); Fragão da Pitorca (Chaves); Abrigo 2 da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) e Monte Ferreiros (Miranda do Douro - que abarca as seguintes grutas: Grutas de Ferreiros, Gruta Grande, Gruta da Ribeira e Gruta do Geraldês e fendas do Monte Pedriço).

METALURGIA, DEPÓSITOS E ACHADOS METÁLICOS

Vejamos alguns dados relativos ao tema da metalurgia, dos depósitos e dos achados metálicos.

A análise dos elementos associados à prática da metalurgia permite a sua divisão em dois grandes momentos: Calcólico e Bronze Inicial, com uma metalurgia do cobre e o Bronze Médio e Final, com a produção de objetos em liga de bronze. Em meados do II milénio a.C. dá-se o aparecimento da metalurgia do Bronze, nomeadamente na Fraga dos Corvos, que possui estruturas aparentemente únicas dentro da Bacia Hidrográfica do Douro. No Castelo de Matos, no Castelejo e em Canedotes, ou seja povoados de altura do Bronze Final, existem evidências da prática da metalurgia.

Os dados associados à prática da metalurgia, são ainda reduzidos, nomeadamente quando comparados com o número de objetos metálicos em circulação, muitos deles encontrados fora de qualquer contexto arqueológico. No Bronze Final a circulação de peças de bronze, de várias tipologias, aumenta consideravelmente.

No total, estamos na presença de 123 sítios arqueológicos onde foram encontrados 14 sítios com indícios da prática da metalurgia; 28 depósitos; 13 achados metálicos em contextos sepulcrais; 19 achados metálicos com contexto associado, 38 achados descontextualizados. Foram ainda detetados 11 achados metálicos em sítios arqueológicos com cronologias posteriores ao Bronze Final.

Na tabela seguinte, apresenta-se uma listagem com os achados metálicos que foram interpretados como depósitos, segundo a bibliografia consultada.

CNS	Designação	Freguesia/Concelho	Tipo de achado metálico	Cronologia
3109	Alto do Muro/São Lourenço//Castro de S. Lourenço	Eiras (Chaves)	punhal triangular de rebite, em cobre; 3 punhais de lingueta; 1 machado plano fragmentado; 1 ponta tipo Palmela.	Calcolítico; Bronze Inicial?
	Depósito de Sapiãos (Boticas)	Sapiãos (Boticas)	um machado plano	III milénio/inícios do II milénio a.C.
6863	Abreiro//Alabardas de Abreiro	Abreiro (Mirandela)	2 alabardas de cobre	Bronze Antigo
14754	Alto das Pereiras	Vimioso (Vimioso)	uma alabarda de cobre	Bronze Antigo
17205	Carrapatas	Carrapatas (Macedo de Cavaleiros)	duas alabardas em cobre arsenical	Bronze Antigo
17290	Vale Benfeito (alabardas)	Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros)	quatro alabardas de cobre arsenical, de tipo Carrapatas	Bronze Antigo
17766	Fonte de Bujões	Abaças (Vila Real)	sete machados de bronze	Idade do Bronze
1411	Outeiro Seco [[Penedo]]	Outeiro Seco (Chaves)	dois machados de talão e duas argolas	Idade do Bronze
6243	Vidual	Justes (Vila Real)	um machado de talão em bronze	Idade do Bronze
4264	Vilela Seca	Vilela Seca (Chaves)	dois machado de talão e um machado de alvado	Idade do Bronze
	Quinta do Passal	Várzea do Douro (Marco de Canaveses)	uma ponta de lança?	Idade do Bronze
6367	Campo de Falcoeira//Campo da Falcoeira	Urrô (Arouca)	machado de alvado	Idade do Bronze
2329	Chacim	Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto)	12 machados de bronze, que pela descrição deviam ser de talão e uma aurícula.	Idade do Bronze
17586	Valbom	Deilão (Bragança)	um machado de talão com uma orelha e seis braceletes decorados com incisões	Bronze Final
192	Torre de Dona Chama/Castro de São Brás	Torre de D. Chama (Mirandela)	um conjunto de machados de talão	Bronze Final
16169	Vila Nova de Gaia	Sem freguesia	4 machados de bronze	Bronze Final

32740	Vale Travasso//Minas dos Mouros//Vale Travasso	Solveira (Montalegre)	1 machado com dupla aselha, 2 pontas de lança e 1 instrumento em forma de garfo, com dois dentes.	Bronze Final
	Lama de Arcos	Lama de Arcos (Chaves)	1 machados sem asas, de cobre ou bronze	Bronze Final
4366	Castro Daire	Castro Daire (Castro Daire)	1 molde de bronze para machados de duplo anel e 1 molde de machado com aselha lateral.	Bronze Final
19768	Porto da Vide/Bogalhal Velho//Porto de Vide	Bogalhal (Pinhel)	um machado de talão de uma argola, um machado campanulado e outro de alvado de duas argolas do sítio de Porto David ou Porto Davis	Bronze Final?
22011	Alto das Orquinhas/Ribeirada//Orquinhas 2	Alhais (Vila Nova de Paiva)	fossa aberta no saibro coberta com laje - 3 espetos de bronze	Bronze Final?
	Moinhos de Gola	Solveira (Montalegre)	30 peças	Bronze Final?
11791	Monte Airoso//Tritana	Granja (Penedono)	foice de alvado + uma bracelete em ouro + fíbula	Bronze Final?
12605	Castelo Bom	Castelo Bom (Almeida)	espada de bronze	Bronze Médio
15712	Espada de Picoto	Mido (Almeida)	espada de bronze	Bronze Final
3942	Espada de Vilar Maior	Vilar Maior (Sabugal)	espada de bronze	Bronze Médio Bronze Final
1137	Minas de Jales	Vreia de Jales (Vila Pouca de Aguiar)	machado em bronze de dupla aselha em mina romana	Bronze Final?
25817	Quarta-feira	Águas Belas (Sabugal)	machado de bronze numa mina romana	Bronze Final

Tabela 2. Depósitos.

Na Bacia Hidrográfica do Douro foi possível registar a existência de alguns sítios onde foram detetados moldes. Convém frisar que serão necessários estudos mais aprofundados para validar estes dados. Desta forma, foi possível confirmar a existência de moldes em Penas Roias (Mogadouro), Castelo de Algosó (Vimioso), Cimalha (Felguei-

ras) e Castelo de Matos (Baião), sítios arqueológicos que possuem ocupações pré-históricas. Cimalha e Castelo de Matos foram objeto de intervenções arqueológicas direcionadas para o estudo das ocupações pré-históricas. Castelo de Algosó, Penas Roias e São Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira) foram sítios prospectados. Com exceção

dos moldes, não foi detetada mais nenhuma evidência da prática da metalurgia, nem se encontrou outro tipo de objetos metálicos, nestes sítios.

Durante o III milénio a.C. surgem alguns indícios que permitem colocar a hipótese de estarmos perante as primeiras evidências da prática da metalurgia do ouro e do cobre no território da Bacia Hidrográfica do Douro. As evidências detetadas nestes sítios - abrigo do Buraco da Pala (Mirandela); os recintos murados de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa); os povoados da Vinha da Soutilha e da Pastoria (Chaves) e o sítio com fossas das Areias Altas (Porto) -, designadamente de moldes, lingotes, ou até escória parecem enquadrar-se cronologicamente no Calcolítico/Bronze Inicial.

É durante o Bronze Médio que se adota a metalurgia do Bronze e é neste período que existem evidências consistentes da prática da metalurgia no sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros).

Durante o Bronze Final encontra-se em circulação um grande número de objetos metálicos, mas o número de estações conhecidas com vestígios da prática da metalurgia é reduzido como o Castelejo (Sabugal) ou Canedotes (Vila Nova de Paiva) e não apresentam estruturas associadas a esta prática, como as que foram detetadas na Fraga dos Corvos.

ESTELAS E ESTÁTUAS-MENIRES

As estelas mais antigas, detetadas na região, surgem associadas a sepulcros megalíticos ou a *tumulus* e parecem recuar, em alguns casos, ao IV milénio a.C. No geral, são de difícil inserção cronológica. Para o universo da Idade do Bronze que nos encontrámos a caracterizar, destaca-se o aparecimento de estelas que parecem estar associadas entre si, formando “conjuntos” ou núcleos de estelas.

Evidencia-se o sítio do Cabeço da Mina (Vila Flor), que é considerado um recinto aberto formado por dezenas de estelas, algumas delas decoradas e na sua maioria anepígrafas. Tanto Susana Soares Lopes (Jorge, 2003b: 1462) como Maria de Jesus Sanches (Sanches, 1997: 225) integram cronologicamente este recinto no III milénio a.C. Em 2010, Marta Díaz-Guardamino, na sua tese de doutoramento sobre “Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica” propõe uma cronologia mais tardia para as estelas do Cabeço da Mina, integrando-as no Bronze Inicial e Pleno. Estas estelas possuem atributos semelhantes aos encontrados nas estátuas-menires da Nave 1 e 2, bem com a de Ataúdes.

No lugar do Cruzeiro Velho apareceu a Estela de Longroiva e nas imediações desta área foram detetadas duas novas estelas, estelas 2 e 3, que na opinião de Mário Reis (2013: 52-53) “terão provavelmente uma cronologia anterior à Estela de Longroiva,

indicando possivelmente uma primeira fase Calcolítica de ocupação do local”. Destaca-se igualmente o Castro de S. Jurge, onde António Sá Coixão reporta o aparecimento de várias estelas, algumas das quais se articulam com níveis de ocupação da Idade do Bronze, como se depreende do relatório de escavação de 2012 (Coixão 2012: 5).

Foi também possível apurar a existência na Bacia Hidrográfica do Douro, de estelas de tipo extremeño, também designadas por “estelas do guerreiro”, que se inserem cronologicamente no Bronze Final (Vilaça, 2012) e se distribuem por duas regiões: Chaves/Montalegre e Sabugal.

Chaves/Montalegre:

- Estela de Tojais (Cervos - Montalegre)
- Estela 1 de Forninhos/Estela 2 de Forninhos (Calvão – Chaves)
- Estátua-menir da rua do Alvar¹ (Perdizes (S. Miguel) – Montalegre)

Sabugal:

- Piçarreiras//Estela de Piçarreiras//Baraçal 1 (Baraçal – Sabugal)
- Baraçal 2//Estela de Baraçal 2 (Baraçal – Sabugal)
- Eiras/Fóios (Fóios – Sabugal)
- Estela de Aldeia Velha (Aldeia Velha – Sabugal)

Em relação às estátuas-menires, sabemos que surgem nos finais do III milénio a.C. As que possuem iconografias mais antigas são, por norma, enquadráveis no Calcolítico Final/Bronze Inicial, isto é, nos finais do III milénio a.C. Outras, com base nas armas representadas, integram-se no Bronze Médio e Bronze Final (**Tabela 3**).

Em termos formais incluímos nesta categoria 11 elementos arqueológicos apresentados na tabela 3: Chaves, Faiões, Cruz de Cepos, Bouça, Marco; Samardá, A-de-Moura, Ataúdes, Serra da Nave 1 e 2, e o Alto da Escrita. Problemática revelou-se a decisão de incluir nesta listagem a Estela de Longroiva, mas devido à sua iconografia consideramos coerente a sua integração neste ponto.

NOTAS FINAIS

Foi possível constatar a existência de uma grande diversidade de sítios arqueológicos na Bacia Hidrográfica do Douro (em Portugal) que se integram na Idade do Bronze, período que se dis-

¹ O nome atribuído à peça pelo seu investigador Al-berte Reboreda é de Estátua-menir da rua do Alvar, mas: “Trátase dunha estatua-menhir decorada do Bronze Final que presenta unha composición gráfica integrable no patrón estilístico das ‘estelas de guerreiro’” (Reboreda, 2012: 4). Optámos por integrar esta peça nas estelas do Bronze Final.

Estátuas-Menires: designações	Freguesia/Concelho	Cronologia
Chaves	Chaves (Santa Maria Maior) (Chaves)	Bronze Final
Faiões	Faiões (Chaves)	Bronze Final/I Idade do Ferro
Cruz de Cepos	Cervos (Montalegre)	Bronze Antigo/transição para o Bronze Médio
Bouça	Bouça (Mirandela)	Bronze Final
Marco	Vreia de Jales (Vila Pouca de Aguiar)	Bronze Final/I Idade do Ferro
Vilarinho de Samardá I	Vilarinho de Samardá (Vila Real)	Calcolítico/ Bronze Inicial
A-de-Moura	Adão (Guarda)	Bronze Antigo
Ataúdes	Figueira de Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo)	Bronze Antigo/transição para o Bronze Médio
Longroiva*	Longroiva (Mêda)	Bronze Antigo
Serra da Nave 1	Pêra Velha (Moimenta da Beira)	Bronze Antigo/ Médio
Serra da Nave 2	Alvite (Moimenta da Beira)	Bronze Antigo/ Médio
Alto da Escrita	Tabuaço (Tabuaço)	Transição do III para o II milénio a. C.

Tabela 3. As estátuas-menires inventariadas no espaço da Bacia Hidrográfica do Douro.

tribui entre os finais do III milénio a.C. e o primeiro quartel do I milénio a.C.

Optamos por apresentar alguns sítios que se integram nos diferentes temas, a partir dos quais se pode fazer o estudo da Idade do Bronze, no Douro.

A partir da análise dos povoados, percebemos que existem duas realidades bastante diferentes: a existência de povoados de altura e povoados abertos. Estes últimos, com base nos dados recolhidos, são sítios que possuem vários tipos de estruturas em negativo, na maioria fossas e buracos de poste. Em relação aos povoados de altura, assistimos, no Bronze Inicial, a um processo de continuidade da ocupação de sítios calcolíticos. Para o Bronze Médio praticamente não se conhecem sítios, com a exceção da Fraga dos Corvos. No Bronze Final, o panorama altera-se substancialmente, dando-se o aparecimento de inúmeros povoados de altura.

Em relação às práticas funerárias, nota-se uma grande diversidade a par de alguma invisibilidade na paisagem. São sítios mais discretos, menos monumentais, mas ainda assim, com alguma complexidade e variabilidade arquitetónica. Podemos falar de arquiteturas em pedra (reutilização de monumentos megalíticos, construção de novos *tumulus*, sem características monumentais e da construção de cistas simples, sem *tumulus*), de fossas abertas no saibro e de enterramentos em gruta.

No que concerne o estudo da metalurgia do Bronze, salientou-se o aparecimento de vestígios associados à prática da metalurgia e o registo de

inúmeros depósitos metálicos. O número de achados metálicos é bastante elevado, embora o número de sítios onde foram detetados indícios da prática da metalurgia seja escasso.

Sobre as estatuas-menires e as estelas, podemos afirmar que a integração cronológica deste tipo de vestígios nem sempre é fácil, já que estamos a falar de esculturas que são detetadas, na maioria dos casos, fora do seu contexto original, sem estarem associadas a materiais arqueológicos. Existem algumas exceções, nomeadamente as estelas de guerreiro, do Bronze Final, que se distribuem por duas regiões muito específicas: Chaves/Montalegre e Sabugal. Regiões que possuem abundantes achados metálicos e depósitos.

Do cruzamento destes diferentes dados, há alguns aspetos que gostaríamos de salientar:

a) existem trabalhos de investigação muito distintos em toda a área da Bacia Hidrográfica do Douro. Os resultados desses trabalhos condicionam a imagem que podemos criar da Idade do Bronze na região. A existência de um maior número de povoados ou sepulcros em determinada área pode estar relacionado com um trabalho de pesquisa direcionado para esse tema, que faz aumentar o número de sítios prospetados e/ou escavados. Por outro lado, sabemos que existe uma predominância de grutas com vestígios da Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental porque é aí que abundam esse tipo de formações cársicas;

b) a maioria dos sítios referidos ao longo do texto, são sítios estudados ou escavados, ou - ainda que não tenham sido objeto de trabalhos de investigação sistemáticos - apresentam elementos mais fáceis de interpretar. A quantidade de sítios prospectados com vestígios da Idade do Bronze, que podem ser integrados nos diversos temas apresentados, é muito superior ao universo expresso neste trabalho.

c) em relação aos períodos que precedem a Idade do Bronze - Neolítico e Calcolítico - nota-se um maior diversificação dos tipos de sítios arqueológicos, com diferentes arquiteturas e implantações topográficas. Esta diversidade pode ser eco de comunidades com práticas sociais muito bem estruturadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS²

C. A. F. ALMEIDA; V.O. JORGE: “A estátua-menir fálca de Chaves”. Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: GEAP, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 6: 1980.

² Os dados apresentados neste texto representam uma parte do trabalho desenvolvido na tese de doutoramento sobre a Pré-história Recente da Bacia Hidrográfica do Douro: “Contributo para o estudo dos Vestígios Arqueológicos – do VI ao I milénio a.C. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro”, FLUP, 2015. Os sítios referidos ao longo deste artigo são caracterizados nos diversos capítulos da Parte II da referida tese de doutoramento. A bibliografia utilizada para a caracterização deste vasto universo excederia os limites deste artigo. Neste ponto, faremos referência às obras citadas e às obras de referência, mas deve ser consultada a bibliografia do final da tese, assim como a bibliografia utilizada para a construção da Base de Dados dos Vestígios Arqueológicos da Bacia Hidrográfica do Douro (ver apêndice 7).

- L. B. ALVES; M. REIS: “Memoriais de Pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real)”. IV Jornadas Raianas Estelas e estátuas-menir da Pré à Proto-história, Sabugal: 2011, 187-216.
- J. ALBERGARIA; E.S. PINTO: Sonda-gens arqueológicas no sítio do Paço (Baguim do Monte, Gondomar). Relatório Final – 2010. TERRALEVIS, Património, Arqueologia e Sistemas de Informação: 2010.
- P. B. ALMEIDA; F. FERNANDES: “A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas”. Oppidum. número 2. Lousada: Câmara Municipal de Lousada: 2007, 115-123.
- P. B. ALMEIDA; F. FERNANDES: “O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha”. Oppidum, número especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada: 2008, 29-44.
- A. AREZES: Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos: Monte da Cimalha, Sernande – Felgueiras. Perennia Monumenta. Vila Nova de Famalicão: 2006.
- B. ARMBRUSTER; R. PARREIRA: Collecção de ourivesaria 1. Do Calcolítico à Idade do Bronze. Lisboa, Instituto Português de Museus: 1993.
- L. BAPTISTA: “As escavações arqueológicas na área urbana da Vila Velha de Vila Real”. Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior – 04 da idade média à contemporaneidade - ambientes e musealização, ACDR Figueira de Castelo Rodrigo: 2008, 64-78.
- A. M.S. BETTENCOURT: “Práticas funerárias da idade do bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental”. Revista Aquae Flaviae, N.º41. Chaves: 2009.

- A. M.S. BETTENCOURT: “La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias”. *Trabajos de Prehistoria*. 67, n.º 1, enero-junio 2010: 139-173.
- A. M.S. BETTENCOURT: “Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular”. *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje... Bibliotheca Praehistorica Hispana* 27. Madrid: CSIC: 2011, 115-139.
- A. M.S. BETTENCOURT: “O Bronze Final no noroeste português. Lugares, memórias e ações”. *Sistemas de Povoamento do Norte, Centro e Sul do Território Português no decurso do Bronze Final*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras e Câmara Municipal de Oeiras: 2013.
- A. CANHA; P. VALÉRIO; M.F. ARAÚJO: “Testemunhos da metalurgia no povoado de Canedotes (Bronze Final)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1: 2007, 159-178 .
- J. C. M. CARDOSO: *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Arqueologia, Porto: 2007.
- J. L. CARDOSO; R. VILAÇA: “Artefactos da Idade do Bronze da região de Chaves”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 11, Número 2: 2008, 41-54.
- A.F. CARVALHO: “O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1: 2004, 185-220.
- P. M. CARVALHO; L.F.C GOMES; J. P. A. FRANCISCO: “A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu)”. *Estudos Pré-Históricos*, 7: 1999, 251-256.
- J. CAVALHEIRO; M.J. SANCHES: “Um caso de metalurgia primitiva do ouro na 1ª metade do IIIº milénio AC: Abrigo Buraco da Pala – Mirandela”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 n.º 4: 1995,168-187.
- A.N.S. COIXÃO: *Campanha de escavações arqueológicas - Castro de S. Jurge (Ranhados-Meda) - Relatório - ano de 2011*. Freixo de Numão – dezembro de 2012. ACDR: 2012.
- A.N.S. COIXÃO: *Arte Rupestre do Castro de S. Jurge (Ranhados - Mêda)*. Mêda, 1.ª Edição, Câmara Municipal de Mêda: 2014.
- D. CRUZ: *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente*. 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 2001.
- D. CRUZ; A. J. CANHA; S. LOUREIRO; A. VALINHO; M. VIEIRA: “Património arqueológico do concelho de Vila Nova de Paiva: a ocupação humana do Alto Paiva desde a Pré-história à Alta Idade Média”. *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu: 2000, 251-264.
- D. CRUZ; A.T. SANTOS: “As estátuas menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta”. *Estelas e estátuas menires: da Pré à Proto-história*. Actas das IV Jornadas Raianas. Câmara Municipal do Sabugal: 2011.
- A. P. DINIS: “Cerâmicas do bronze final de Castelo de Matos (Baião)”. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 2ª série: 89: 1991, 119-134.

- I. M. FIGUEIRAL; F. M. QUEIROGA: “Castelo de Matos”. *Arqueologia*. Porto: GEAP, N.º 17: 1988, 137-150.
- R. GASPAR; J. CARRONDO; L. NOBRE; Z. RODRIGUES; G. DONOSO: “Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze”. *Estudos do Quaternário*, 10, APEQ, Braga: 2014, 59-72
- R. GASPAR; R. RIBEIRO; P. REBELO; N. NETO; M.L. CARVALHO: “Bronze Age funerary contexts in Northeast Portugal. Terraços das Laranjeiras (Sabor Valley)”. *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ/CITCEM: 2014, 49-62.
- H.B. GONÇALVES: “A estação pré-histórica do Monte Calvo Baião. Notícia preliminar”. *Arqueologia*. Porto, 3, 1981: 77-87.
- H.B. GONÇALVES: “Monte Calvo”. *Informação arqueológica*. Lisboa, 5: 1982.
- M. D. GUARDAMINO URIBE: *Las estelas decoradas en la prehistoria de la Península Ibérica*. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Prehistoria: 2010.
- C.H. HARPSOE; M. F. RAMOS: “Lorga de Dine (Vinhais, Bragança)”. *Arqueologia*. GEAP. 12, Porto: 1985.
- S.O. JORGE: “A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião”. *Portugália*. Porto. Nova série: 1, 1980, 29-50.
- S.O. JORGE: “Sondagens arqueológicas na Estação do Alto da Caldeira (Baião)”. *Arqueologia*. 3. Porto: GEAP: 1981, 67-76.
- S. O. JORGE: *Povoados da Pré- História Recente (III.º - Inícios do II.º Milénios a. C.) da Região de Chaves - V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de doutoramento, 2 vols: 1986.
- S. O. JORGE: “O povoado da Bouça do Frade”. *Arqueologia*. GEAP: Porto. N.º 17: 1988a, 134-137.
- S. O. JORGE: *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final de Portugal*. Porto: GEAP. *Monografias Arqueológicas* 2: 1988b.
- S.O. JORGE: “Cabeço da Minha (Vila Flor, Portugal): a Late Prehistoric sanctuary with “stelai” of the Iberian Peninsula in Gods and Heroes of the Bronze Age”. *Europe at the time of Ulysses*: 1999, 137-141.
- S.O. JORGE: “A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos 25 anos”. *Os Reinos Ibéricos na Idade Média*. Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno. Porto: Livraria Civilização. Vol. III: 2003a, 1453-1482.
- S.O. JORGE; A. RUBINOS: “Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os Dados e os Problemas”. *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº4, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa: 2002, 95-112.
- V.O. JORGE; S.O. JORGE: “Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal”. *Revista da Faculdade de Letras, II série*, vol. VII, Porto: Faculdade de Letras, 1990: 304-313.

- V.O. JORGE; M.J. SANCHES: “A “estátua-menir” da Bouça (Mirandela)”. *Arqueologia*. Porto: GEAP. 16: 1987, 78-82.
- V.O. JORGE; M.J. SANCHES; M.J.; S.O. JORGE: “Nótula sobre dois vasos pré-históricos encontrados em Coca (Paredes)”. Portugal. Porto. Nova Série: 910: 1990, 105-106.
- F. S. LEMOS: Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental. Braga: Universidade do Minho: 1993.
- F. S. LEMOS: “A Lorga de Dine. Um sítio arqueológico a descobrir”. *Vinhais Património*. Vinhais. 2, 1999: 31-39.
- M. MARTÍN SEIJO; I. FIGUEIRAL; A.M.S BETTENCOURT; A.H.B. GONÇALVES; M.I.C. ALVES: “A floresta e o mato. Exemplos da exploração dos recursos lenhosos pelas comunidades da Idade do Bronze Inicial e Médio do Noroeste de Portugal”. *Florestas do Norte de Portugal. História, Ecologia e Desafios de Gestão*. Porto: InBio – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva (e-book): 2011, 85-98.
- M. OSÓRIO: “Estátua-menir de A-de-Moura (Santana da Azinha, Guarda)”. *Estudos Pré-Históricos*. VIII. Viseu: 2000, 229-236.
- M. OSÓRIO: “Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa”. *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos. 2005, 35-65.
- F. M. QUEIROGA: “Escavações Arqueológicas em Castelo de Matos. Notícia preliminar”. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 9: 1984.
- PORTAL DO ARQUEÓLOGO. Direção-Geral do Património Cultural (em linha). Disponível em: <http://arqueologia.igespar.pt>. 2014.
- R. RAMOS: “Trabalhos arqueológicos”. *Boletim Municipal de Bragança, Bragança: Câmara Municipal de Bragança*. N.º 26 | Julho a Dezembro – 2010.
- M. A. RODRIGUES: “A ocupação humana no Baixo Vale do Sabor - I. Património Arqueológico e Arquitetónico”. *Revista Campos Monteiros: História, Património e Cultura*: 2012.
- M. J. SANCHES: “O povoado da Lavra (Marco de Canaveses)”. *Arqueologia*. 17, Porto: GEAP: 1988, 125-134.
- M. J. SANCHES: *Pré-História recente do Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Monografia Arqueológica, 3. Porto: GEAP: 1992.
- M. J. SANCHES: *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala – Mirandela - no Contexto Regional)*. Textos 1. Vol. II. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia: 1997.
- M. J. SANCHES (Coord. Científica): *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Murça: Município de Murça: 2008.
- M. J. SANCHES: “As estelas antropomórficas de picote – Miranda do Douro (Trás-os-Montes)”. *Estelas e estatuas-menires da Pré à Proto-História - Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/CEAUCP: 2011, 143-166.
- A.T. SANTOS, R. VILAÇA, J.N. MARQUES: “As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”. *Estelas e estatuas-menires da Pré à Proto-História - Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/CEAUCP: 2011, 319-342.

- J.C. SENNA-MARTINEZ; E. LUÍS: “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008)”. *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6: 2009, 69-79.
- J.C. SENNA-MARTINEZ; E. LUÍS; J. REPRESAS: “A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A campanha 9 (2011: primeira análise comparativa dos sectores A e M – 1.ª Idade do Bronze/Bronze Final?” *Cadernos Terras Quentes*, Macedo de Cavaleiros: ADPACMC,9: 2012.
- J.C. SENNA-MARTINEZ; J. REPRESAS; E. LUÍS; E. FIGUEIREDO; F. LOPES; S. GOMES; M.F. ARAÚJO; R.J. SILVA: “Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal”. *O Arqueólogo Português*. V. 2: 2012, 241-263.
- M. REIS: “Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios...” *Portvgalia*, Nova Série, vol. 34, Porto, DCTP-FLUP: 2013, 5-68.
- R. VILAÇA: “Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze”. *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 9, IPPAR, Lisboa: 1995.
- R. VILAÇA: “Registos e leituras da Pré-história Recente e da Proto-história Antiga da Beira Interior”. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 23 -27 de Setembro de 1999)*. vol. IV, Porto ADECAP: 2000,161-182.
- R. VILAÇA: “Depósitos de Bronze do território português – um debate em aberto”. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 24: 2006, 9-150.
- R. VILAÇA: “A Proto-história no Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico”. Sabugal: Sabugal+ e Câmara Municipal do Sabugal: 2008.
- R. VILAÇA: “Estelas de tipo alentejano”. *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Figueirinhas. Porto: 2012.
- R. VILAÇA: “Estelas de tipo extremeño”. *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Figueirinhas. Porto: 2012.
- R. VILAÇA; D. CRUZ; A. SANTOS; J.N. MARQUES: “Encenar a morte, ritualizar o espaço. O Monumento da Travessa da Lameira de Lobos (Castro Daire, Viseu, Portugal)”. *Póster. Colloque Madrid (13-14 Mars 2014)*. *Architectures funéraires et mémoire: La Gestion des nécropoles en Europe Occidentale (Xe-IIIe Siècles a. C.)* [no prelo].
- R. VILAÇA; D. CRUZ; A. SANTOS; J.N. MARQUES: “A Estátua-Menir de “Ataúdes” (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 9: 2001, 69-82.
- R. VILAÇA; M. OSÓRIO; A. SANTOS: “Uma nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem”, *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-História - Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/ CEAUCP: 2011, 293-318.
- A. REBOREDA: *Informe sobre a estatuamehir de Vilar de Perdizes (Montalegre)*. Vilar de Perdizes (documento policopiado): 2012.